



Isabel Alcáda Ler mais para aprender melhor **JL/Educação** Entrevista
Escola Pública, Escola Privada, em textos de António Rochette Cordeiro e Isabel Soares

**JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS**

JL

Ano XXXVI · Número 1193 · De 22 de junho a 5 de julho de 2016
· Portugal (Cont.) €2,80 · Quinzenário · Diretor José Carlos de Vasconcelos

Eduardo Lourenço
Do homem como literatura
Ensaio PÁGINAS 9 E 10

Henrique Leitão
Maria de Sousa, a cientista PÁGINAS 27 E 28

Onésimo Teotónio Almeida
Do marxismo ao fascismo PÁGINAS 25 E 26

O verão de todas as artes

Dois festivais, o Internacional de Teatro, em Almada, com 29 espetáculos, e o Silêncio, em Lisboa, com palavras, formas e sons – mais o primeiro ‘encontro’ das duas coleções de arte da Fundação Gulbenkian, marcam as próximas semanas, de par com os Festivais de Música por todo o país

PÁGINAS 14 A 19



ANDREA CASINI

JOSÉ GARDEAZABAL

Uma estreia (premiada) com muito futuro....

Figura, entrevista e inéditos PÁGINAS 6 A 8

Crónicas de Afonso Cruz, Eugénio Lisboa, G. d'Oliveira Martins, Miguel Real, Valter Hugo Mãe e V. Soromenho-Marques



Festival de Teatro de Almada

Defender a diversidade

Maria Leonor Nunes

«A “diversidade” é a matriz do Festival Internacional de Teatro de Almada (FTA), cuja 33.ª edição decorre de 4 a 18 de julho. E esse é o “único tema” neste ano, como nos anteriores, segundo o seu diretor artístico, o encenador e dramaturgo Rodrigo Francisco (RF), que igualmente dirige a Companhia de Teatro de Almada (CTA).

Rodrigo Francisco sublinha, de resto, que o Festival de Almada foi criado por Joaquim Benite em 1984, à imagem do de Avignon, o nosso “avignonzinho”, como lhe chamou no Expresso o crítico Manuel Rio Carvalho. “Avignon nasceu porque nos anos 50, no pós-guerra, houve pessoas que tentaram refundar a ideia de Europa através da cultura, procurando aproximar países diferentes. É nessa tradição que o FTA se insere”, diz. “Se a programação de um festival obedecer a outro princípio que não seja a diversidade, se entrar por uma linha temática, estética ou ideológica, julgo que isso o empobrece”.

Importa em seu entender apresentar vários criadores, diferentes correntes, até diversas artes. E no FTA coexistem há muito o teatro, a dança, a música, as artes plásticas.

A abertura da edição deste ano, que propõe 29 espetáculos – sete dos quais portugueses –, faz-se desde logo com um concerto da Orquestra Gulbenkian, dirigida por Jan Wierzbka, com a soprano Bárbara Barradas, a 4, no palco grande da Escola D. António da Costa (EDAC), em Almada. O programa tem, porém, uma marcação teatral, já que será interpretada a obra de Edvard Grieg, composta para a peça *Peer Gynt*, de Ibsen, assim como excertos da ópera de Gaetano Donizetti, *Lucia d e Lammermoor*, e de *Candide*, de Leonard Bernstein.

No mesmo palco, vai dançar-se o flamenco com Mercedes Ruiz, *Déjame que te baile*, a 18, e com outros passos, teremos a coreógrafa francesa Maguy Marin, um nome de referência do teatro-dança, que vem apresentar, a 16 e 17, o espetáculo *May B*, criado a partir do universo de Samuel Beckett, em digressão há 35 anos, tendo passado por meia centena de países.

Graça Morais é, por outro lado, a autora do cartaz deste ano – em cada edição é convidado um artista plástico –, e na Casa da Cerca pode ser



A Gaivota, de Tchekhov, com encenação de Thomas Ostermeier, pelo Théâtre Vidy-Lausanne (em cima), **As Vozes**, dirigido por Roberto Andolfi, no ciclo Novíssimo Teatro Italiano, e **A Conferência dos Pássaros**, pela companhia romena Tandarica: a diversidade de espetáculos no Festival de Almada, este ano com cartaz criado pela pintora Graça Morais

vista uma exposição da pintora, *Metamorfoses*, que reúne quatro dezenas de desenhos, uma versão reduzida da mostra apresentada no Centro Cultural que lhe é dedicado, em Bragança, com curadoria de Jorge da Costa. Na Escola D. António da Costa, é possível ver o seu trabalho cenográfico, os monumentais *Biombos*, que a artista criou para a peça de Jean Genet, encenada por Carlos Avilez para o Teatro Experimental de Cascais, em 1993. O Teatro da Garagem irá, por seu lado, apresentar Graça, suite teatral em três movimentos, uma encenação de Carlos J. Pessoa, com textos do encenador e de Antonio Tabucchi, um espetáculo centrado no universo pictórico de Graça Morais. A 14, no Teatro Taborda, em Lisboa.

Além do teatro de rua, uma constante do FTA, desde o primeiro momento, vão passar pelos vários espaços de Almada e Lisboa



“O teatro é essencial como o leite, a arte e a cultura são bens de primeira necessidade”
Rodrigo Francisco

espetáculos vindos da Argentina, EUA, Alemanha, Roménia, Espanha, França, Israel, Itália ou Suíça. Muito “diferentes” entre si, como salienta RF: “A preocupação é mostrar ao público do festival o teatro que se vai fazendo no mundo e que os espetáculos sejam bons, trazendo a Almada durante 15 dias correntes distintas e criadores com posições até antagónicas”.

É o caso dos encenadores alemães Falk Richter e Thomas Ostermeier, o primeiro que se inscreve numa linha “pós-dramática”, com a tónica na ideia do ator enquanto performer, e de denúncia do mundo em que vivemos, o segundo fiel ao texto, à literatura e ao trabalho do ator como lastro. Dois modos de fazer teatro que hoje se confrontam na Europa, correntes estéticas que trazem “picados” os dois criadores. Como recorda RF, num texto do jornal do festival: “A 26 de

fevereiro deste ano o encenador alemão Thomas Ostermeier estreava em Lausana a *Gaivota* na qual a célebre cena de teatro que Treplev representa para a sua família não é mais do que uma paródia à dita performance pós-dramática, com vídeo, algazarra eletrónica e sangue caprino à mistura”, exemplifica. “Uma semana depois, em Estrasburgo, Falk Richter, companheiro de Ostermeier na Schaubühne, estreava o seu texto *Je suis Fassbinder* no qual, a dada altura, um ator gritava ao público que, estando o Mundo como está, não é possível continuar a fazer *As Três Irmãs* e a montar os textos de Yasmína Reza.”

Falk Richter apresentará *Cittá del Vaticano*, a 7, no Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII). Thomas Ostermeier traz duas encenações, *A Gaivota*, a partir de Tchekov, em que aborda a questão dos refugiados, a 9, no Teatro Municipal Joaquim Benite (TMJB) e *Susn*, de Herbert Achternbusch, no CCB. Os dois vão conversar com o público, a 8 e 11, na esplanada, junto à Escola D. António da Costa.

A convivência próxima entre público e criadores em colóquios ou mesmo nos encontros informais na “cantina” é uma das características do festival de que o seu diretor manifestamente se orgulha, tal como o caráter “artesanal” da sua produção, da ementa do dia aos textos do programa. Valores que, segundo ele, vêm da sua génese e que procuram continuar como “herdeiros” do trabalho de Joaquim Benite, sempre com o apoio da Câmara Municipal de Almada.

NOVÍSSIMOS E CONSAGRADOS

Depois das novas gerações teatrais da Argentina e de Espanha, o FTA dá a ver este ano o Novíssimo Teatro Italiano. São cinco espetáculos diversos – *Be normal*, de Daniele Villa, do Teatro Sotterraneo, de Florença, a 7, *Tamdem*, da dramaturga Elena Stancanelli, enc. Sabino Civielleri e Manuela lo Sicco, de Palermo, a 11, *As Vozes*, de Annarita Colucci, enc. Roberto Andolfi, de Roma, *Homologia*, criação coletiva, enc. Alessandra Ventrella, de Milão, a 13, e *Thanks for Vaselina*, de Gabriele di Luca, enc. Gabriele Luca, Massimiliano Setti e Alessandro Tedeschi, da Carrozzeria Orfeu, de Mântua, a 18, todos no Fórum Romeu Correia, em Almada –, em que se irá espelhar alguma identidade com a realidade portuguesa: “Refletem o estado da sociedade de Itália, que tem muito a ver conosco, porque é um país do sul da Europa, onde os jovens também não têm oportunidades e a criação teatral é ainda mais precária do que em Portugal”, adianta RF.

O consagrado encenador francês Joel Pommerat, por seu

lado, virá apresentar *Pinocchio*, no CCB, enquanto dos Estados Unidos o grupo nova-iorquino La Mama vai trazer, a 6, à Incrível Almadense, *Píladas*, de Pier Paolo Pasolini, quando se assinalam os 40 anos da sua morte. A encenação é do croata Ivica Buljan, um criador bem conhecido dos habitués do FTA, onde já dirigiu vários espetáculos. Também de volta vai estar a atriz e encenadora norueguesa Juni Dahr para apresentar *Hedda Gabler*, de Ibsen, na Casa da Cerca.

De Madrid, chegará *O Terror e a Miséria (não só) no III Reich*, de Brecht, sob a direção de Jesús García Salgado, a 14 e 15, no Teatro da Trindade. E na mesma sala lisboeta, a 16, de Bucareste, a companhia Tandarica para representar *A Conferência dos Pássaros*, a partir do poeta persa Farid ud-din Attar, com encenação de Cristian Pepino. “O objetivo é que toda a gente encontre no festival algo que lhe agrade e não fazer uma programação de autor ou segundo um qualquer conceito”, diz ainda RF. “O meu conceito de festival está associado à diversidade, à reunião de pessoas diferentes, quer se trate de criadores ou do público. Isto sem prejuízo da qualidade”.

A cumplicidade do público habitual da Companhia de Teatro de Almada e do festival é de resto um fator fundamental na dinâmica do Festival, que aposta tanto na criação como na formação. E quer também conquistar um público cada vez mais diversificado. “Se o teatro quer falar da polis, é necessário que toda a polis o envolva. As democracias modernas assentam na representatividade, cabendo aos cidadãos decidir, por voto, quem os governa”, escreve RF a propósito, num texto do programa. “Mas se os cidadãos não tiverem consciência da necessidade de se fazerem representar, se não formarmos democratas, a democracia esboroa-se: é por isso que tem de ser defendida. E é também para isso, entre outras coisas, que julgo que o teatro é útil”.

ESTREIAS DA CASA

Presença cara ao público do FTA, há já vários anos, é a de Miguel Seabra, o ator e encenador, diretor do Teatro Meridional. Desta feita vai, a 8 e 9, estrear, no palco grande da EDAC, *A Lição*, de Ionesco. A encenação é sua, e também integra o elenco, com Elsa Galvão e Sara Barros. A música original é de Rui Rebelo.

De regresso a Almada para uma nova estreia, depois de *Quatro Santos em Três Atos*, no FTA do ano passado, está o Teatro do Bairro que a 16, na EDAC, leva à cena *Cimbelino*, de Shakespeare, com encenação de António Pires e versão cénica de Luísa Costa Gomes. A interpretação é de Adriano Luz, Ricardo Aibéo, Rita Loureiro, João Araújo, João

Barbosa e de alunos da Escola de Atores ACT.

Também de Shakespeare, *Ricardo III*, segundo a aclamada criação de Tonan Quito, estreada no ano passado no TNDMII, vai subir à cena do TMJB. Do elenco, fazem parte Miguel Moreira, António Fonseca, Miguel Loureiro, Paula Só, Sofia Marques, entre outros. Uma apresentação a provar o ‘fair play’ da CTA, já que a encenação de Tonan Quito ganhou o Globo de Ouro, para que estava na corrida também *Hamlet*, de Shakespeare, a co-produção de A Cornucópia com a companhia dirigida por Rodrigo Francisco, com encenação de Luís Miguel Cintra e protagonizada por Guilherme Gomes. “É uma manifestação de desportivismo da nossa parte”, ironiza o diretor do FTA. “Tínhamos tido um grande sucesso com o *Hamlet*, mas perdemos esse prémio, ainda assim convidamos o Tonan para fechar o festival e quem sabe se poderemos ter esse globo em exposição no foyer uns dias”.

A CTA, mantendo-se fiel à tradição, vai estrear desta feita não um, mas dois espetáculos no FTA. Na sala principal do TMJB, a 5, *Não d'Amores*, de Gil Vicente, encenado pela espanhola Ana Zamora, e na sala experimental, a 12, *O Feio*, de Marius von Mayenburg, com encenação do italiano Toni Caferio.

Ana Zamora, uma especialista em teatro renascentista e barroco, vai dirigir os atores Luís Lima Barreto, Estevão Antunes, Sérgio Adillo e Sílvio Vieira, num espetáculo com música ao vivo e instrumentos da época de Gil Vicente. Uma releitura do texto vicentino que pode trazer novos argumentos para redescobrir o “fundador” do teatro português. “Gil Vicente é muito mal tratado, porque faz parte dos currícula do Secundário e muitas vezes montam-se as suas peças para ir às escolas, com uns diabos, com uns cornos, uns anjos com umas asinhas e pronto. Com mais intenções comerciais do que pedagógicas”, observa RF. “Ana Zamora veio pela primeira vez ao festival há uns 15 anos e resolvemos convidá-la para esta co-produção. A ideia é que os alunos tenham um contacto com o Gil Vicente que não os traumatize, regressando às origens do texto, ao ambiente poético em que decorriam estas representações, para dar-lhe a dignidade que merece”.

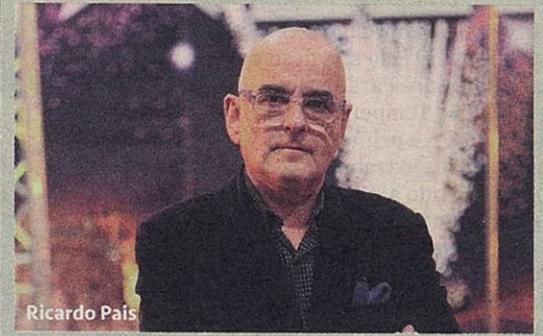
Não d'Amores será reposto no TMJB em outubro e já tem calendarizada uma digressão em Espanha. O facto de ser um texto escrito em português e castelhano propicia essa circulação, respeitando o “espírito iberista” de Gil Vicente.

A mestria de Ricardo Pais

À 3ª edição de O Sentido dos Mestres do FTA, o seminário com grandes nomes do teatro contemporâneo a refletir sobre a cena à luz da sua experiência e saber, num curso breve para profissionais e não só, é a vez de Ricardo Pais. Dias 14, 15 e 16, na Casa da Cerca, o encenador, que marca indelévelmente o teatro português, a partir dos anos 80, pela inovação e singularidade das suas criações, vai apresentar as conferências “Dirigir atores e intérpretes, obsessivamente”, “Fazer ouvir o teatro, dar a ver a música” e “A encenação como exemplo de gestão”.

Com espetáculos de referência como *Fausto. Fernando. Fragmentos*, (1989), a partir de Fernando Pessoa, *As Lições*, de Ionesco (1998), *A Castro*, de António Ferreira (2000), *D. João*, de Molière (2006), *Ubus*, de Alfred Jarry (2005), *Turismo Infinito*, sobre Fernando Pessoa (2007), *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare (2008), ou *al mada nada*, com base em Almada Negreiros (2010), entre meia centena de criações, Ricardo Pais criou um universo cénico único, somando ao trabalho da palavra outras linguagens, da eletrónica à dança, passando pelo canto, pelo vídeo ou pela performance.

Nascido em 1945, estudou encenação em Londres, entre 1968 e 1971. Dirigiu o Teatro Nacional D. Maria II, em 1989, e o Teatro Nacional S. João, entre 1996 e 2009, com dois anos de interregno, foi professor da Escola Superior de Cinema e Teatro e na Escola das Artes da Universidade Católica, no Porto. “É um grande criador, que tem feito uma carreira interessantíssima não só na criação, mas também na dinamização de vários projetos. E é um bom conversador, pelo que o seu



Ricardo Pais

curso promete”, assevera Rodrigo Francisco.

A Almada Ricardo Pais traz agora a sua mestria rigorosa e irreverente ao Sentido dos Mestres, depois de Luís Miguel Cintra, na edição inaugural, e do encenador alemão Peter Stein, no ano passado. As suas lições serão posteriormente publicadas em livro, à semelhança das anteriores. No passado Dia Mundial do Teatro foi lançado o livro de Peter Stein, uma edição da CTA. “São livros de bolso, muito práticos, com o criador em discurso direto”, diz ainda RF.

Uma instalação com fragmentos de vídeo do percurso de Ricardo Pais, *Montra*, coordenada por Rui Simão, vai estar patente ao público, no átrio da EDAC, durante o festival. E a homenagem ao encenador passa também pelo Encontro da Cerca, o já habitual rendez-vous para pensar e debater o estado da arte teatral, que irá decorrer a 9, “entre camaradas”, com intervenções de atores, cantores, dramaturgos e outros criadores que ao correr do tempo trabalharam com Ricardo Pais. É o caso de António Lagarto, Emília Silvestre, Pedro Almendra, Luís Madureira, Luísa Costa Gomes, José Maria Vieira Mendes, Pedro Sobrado, Gonçalo Frota, entre outros. ■



REGULAMENTO

1 - Instituído pela Junta de Freguesia de Fânzeres, por ocasião do 1.º Aniversário da sua elevação a Vila, o PRÉMIO NACIONAL DE POESIA DA VILA DE FÂNZERES, de carácter anual, destina-se à divulgação de novos e consagrados valores da poesia nacional;

2 - O conteúdo temático das obras apresentadas a concurso é livre;

3 - As obras concorrentes deverão ser obrigatoriamente inéditas e com o mínimo de 50 e o máximo de 80 páginas A4, nas fontes Times New Roman ou Arial tamanho 12, com 1,5 espaço e escritas em língua portuguesa;

4 - Os originais concorrentes devem ser enviados, em quatro (4) exemplares, numerados com o procedimento, até ao dia 12 de Agosto de 2016, para: PRÉMIO NACIONAL DE POESIA DA VILA DE FÂNZERES, Junta de Freguesia de Fânzeres e São Pedro da Cova, Rua de São Pedro, 10, 1300-101 Fânzeres;

5 - Podem, também, concorrer cidadãos estrangeiros que possuam residência fixa em Portugal;

6 - Fica, contudo, vedada a participação a todos os elementos da Junta e da Assembleia de Freguesia de Fânzeres e São Pedro da Cova;

7 - O prémio será atribuído por um júri de três elementos, e designar pela entidade promotora, com base em critérios de reconhecida identidade cultural e intelectual;

8 - O prémio consistirá num diploma e troféu, bem como na edição e publicação em livro da obra premiada - 200 exemplares - dos quais 50 reverterão para o autor, considerando-se assim pagos os direitos de autor;

9 - O júri reserva-se o direito de não atribuir o prémio se considerar que a qualidade da obra apresentada a concurso o não justifique;

10 - Caso a qualidade das obras o justifique, o júri poderá atribuir menções honrosas às obras subscritas;

11 - A decisão final de júri, a qual não poderá ser revista, será comunicada aos concorrentes;

12 - A decisão final de júri, a qual não poderá ser revista, será comunicada aos concorrentes, não ficando lugar a devolução;

13 - Será aberta, pelo júri, a envelope identificativa da obra premiada;

14 - A entrega do Prémio Nacional de Poesia da Vila de Fânzeres ao autor, querendo, ocorrerá em cerimónia pública, em local e data a definir no momento adequado;

15 - A decisão do júri será tornada pública através das órgãos de comunicação social e nos locais de afixação dos editais da Junta de Freguesia;

16 - Uma vez entregues os originais, considera-se que os concorrentes conhecem e aceitam todas as cláusulas do presente REGULAMENTO;

17 - Os casos omissos no presente REGULAMENTO serão resolvidos pelo júri, dando disso conhecimento à entidade promotora.

Fânzeres, 9 de Junho de 2016